REVISTA
APLAUSO
ANO V Nº 58
EXEMPLAR GRATUITO

Nicette Bruno e Paulo Goulart em

Sábado, domingo e segunda

Bodas de ouro no palco e na vida

Jornal do teatro
Em Cartaz
Floriano Peixoto
Jacqueline Laurence
José Mayer
Letícia Spiller
Ricardo Blat
Thereza Seiblitz

Está chegando o novo livro de
Roberta Sudbrack

Gastronomia...

...para cachorros.

Design: Interseção Comunicação

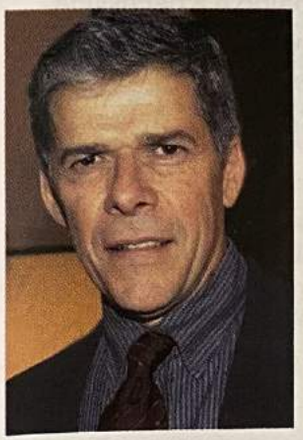
Bom pra Cachorro
Gastronomia Canina
Editora Senac Rio

Em Junho nas principais livrarias,
boutiques e pet shops do Brasil

Mais informações: interseção - (21) 2524.1152 ou 2532.3691

Fotos: Sérgio Pagano e Renato Neto

A bondade de estranhos



"Em 1976, eu ainda produzia peças em Belo Horizonte e contratei o Aderbal Freire-Filho para dirigir *Bente-Altas: Licença para Dois*, uma das primeiras peças do Alcione Araújo. Nas suas andanças por BH, o Aderbal conheceu um mendigo famoso da cidade, o Casquinha, que fazia performances de rua. E o convidou para fazer a trilha sonora da peça.

Casquinha tocava flautinha de bambu e fumava quatro cigarros ao mesmo tempo, enquanto marcava o ritmo com quatro latinhas e inúmeras chapinhas presas aos pés. Uma figura. Ele ficou emocionadíssimo por fazer parte daquele grupo.

No mesmo ano viemos para o Rio com a peça, para uma temporada no antigo Teatro Nacional de Comédia. Eu, minha mulher Vera Fajardo, Antonio Grassi, Aderbal e Casquinha ficamos hospedados num apartamento alugado na Rua Djalma Ulrich. O problema é que a peça foi um fracasso total e absoluto. Eram oito ou dez pessoas na platéia, por noite.

Aí o Casquinha resolveu dar o troco. Pegou seus badulaques e, à tarde, foi tocar na Praça XV, reassumindo sua função de pedinte. Um belo dia surgiu no meio da sala e despejou um saco cheio de dinheiro, gritando de felicidade: 'isso aí é para a produção!'. Foi um gesto nobre e inesperado, que nos tirou do sufoco por muito tempo.

Este é um episódio que eu nunca esqueço e me faz lembrar muito Blanche DuBois, personagem de *Um Bonde Chamado Desejo*, que dizia sempre depender da bondade de estranhos. Este é o espírito do teatro. Nestes 36 anos de carreira, talvez tenha sido o que melhor resumiu como o palco faz despertar o amor nas mais diferentes pessoas, das mais diferentes formações, e uni-las. O que só reafirmou o meu amor pelo teatro também."

José Mayer, maio de 2004

Pepê recita MPB

Soppa de Letra é o nome do espetáculo escrito e estrelado por Pedro Paulo Rangel, com estréia prevista para 24 de junho no Centro Cultural de Justiça Federal. Sob direção do amigo Naum Alves de Souza, com quem trabalhou na primeira versão de *A Aurora da Minha Vida*, Pepê recita letras consagradas da MPB, de Francisco Alves a Caetano Veloso.

Nós do Morro inova

O grupo Nós do Morro apresenta o espetáculo infanto-juvenil *Patunaíma*. O texto é de Luiz Paulo Corrêa e Castro, um dos fundadores do grupo, e narra um encontro fictício do anti-herói *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e do clássico *Patinho Feio*, de Hans Christien Andersen. Sábados e domingos, às 19h, no Teatro do Vidigal, rua Dr. Olinto de Magalhães, 16. Ingressos a R$ 3.

Lygia e *A Pomba*

A escritora Lygia Fagundes Telles assistiu a peça *A Pomba Enamorada – Ou Uma História de Amor* e aprovou a adaptação de Maria Assunção para o seu conto homônimo. "Fiquei emocionada quando vi essa jovem tão talentosa. Maria Assunção é extraordinária. Os meus mais ardentes votos de sucesso sempre", elogiou a imortal, em carta com timbre da ABL, enviada à atriz.

Para relaxar...

Depois de *Gula* e *Volúpia*, Ana Kfouri dá continuidade a seu estudo sobre os sete pecados capitais com o inédito *Preguiça*. E sua concepção inovadora surpreende o público, que assiste à peça deitado em esteiras e almofadões. O texto, assinado por Rodrigo de Roure, discute a importância do trabalho e a necessidade do ócio criativo. Sucesso de público, fica em cartaz no Espaço de Arte e Cultura Rio até 27 de junho.

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101. CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte) e Janaína Medeiros (textos). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Beni Laser. Impressão: Sol Gráfica. Foto de capa: Adriana Pitiglianni/divulgação.

Jacqueline Laurence

Tempo de Wilde

"O público muitas vezes se volta contra os próprios ídolos", diz Jacqueline Laurence.

Há muito tempo não dirigia um grupo de atores tão jovem. Estou achando *Indecência Clamorosa* uma experiência renovadora. Mesmo com pouca idade, o elenco é bastante empenhado e sério. Pessoas da minha idade costumam comparar as gerações. Mas a garra e o idealismo dos jovens permanecem os mesmos, independentemente da época.

O encontro é ainda mais feliz por trabalharmos com um texto excelente de Moisés Kaufman, sobre o drama de Oscar Wilde. Um dos gênios da literatura mundial que foi condenado por tornar pública uma condição que muitos faziam questão de manter oculta. Ele teve sua vida devassada e sua reputação massacrada após três julgamentos que culminaram na sua condenação a três anos de trabalhos forçados.

Wilde era uma personalidade fascinante, com um senso de humor fantástico, que sofreu uma injustiça tremenda. Duas peças suas estavam em cartaz na Inglaterra, fazendo enorme sucesso. Ele estava no auge do seu prestígio como autor quando vieram à tona as acusações de sodomia. E todos que o aclamavam se voltaram contra ele.

O público muitas vezes se volta contra os próprios ídolos. Hoje, nos 150 anos de nascimento dele, as coisas não mudaram muito. Assim como sua obra literária e teatral continuam no mais alto nível. E este é o maior legado de Oscar Wilde. Tanto que, 20 anos após sua morte, ele já era o autor de língua inglesa mais lido na Europa depois de Shakespeare.

Indecência Clamorosa é um texto que emociona a todos. Como tudo que é dito durante os três julgamentos é muito forte, contra ou a favor de Wilde, as pessoas saem muito tocadas. Principalmente se imaginarem que qualquer coisa que se faça no escuro possa um dia ser usado contra você no tribunal ou na vida pública. É algo a se pensar: até que ponto devemos realmente nos interessar por estes segredos de alcova?"

Mambembe canta

MAMBEMBE

Amir Haddad remonta clássico de Arthur Azevedo sobre uma companhia de atores itinerantes.

São características do teatro de Amir Haddad o humor e a celebração. E são características do teatro de Arthur Azevedo a festa e a exaltação aos elementos brasileiros. Junte o diretor e o autor, misture bem e se deleite com *Mambembe Canta Mambembe* – espetáculo musical que está no Teatro Villa-Lobos e convida o público a ficar à vontade. Liberdade total para lanchar, atender o celular e até sair e voltar...

A versão libertária de Haddad para a peça *O Mambembe*, escrita há um século por Azevedo, dá um tom mais lúdico e didático que o original. "Tentei fazer da maneira mais próxima à visão do autor sobre o teatro. O texto é fantástico, uma oportunidade de fazermos uma reflexão sobre os nossos modelos de dramaturgia e nossas dificuldades nas artes", analisa o diretor.

Clima de festa

Nesta montagem, Laudelina (Thereza Seiblitz) é uma mocinha órfã que mora com a madrinha, d. Rita (Adriana Maia), e é noiva de Eduardo (Eron Cordeiro). Os três são atores amadores e chamam a atenção do diretor Seu Frazão (Amir Haddad), que se encanta com a heroína e a convida para viajar com sua companhia teatral. Desesperado para não perder a amada, Eduardo resolve partir com a trupe falida e trabalhar mesmo sem ser remunerado. A partir daí começa uma saga de apresentações, dificuldades e um triângulo amoroso com um ambicioso manda-chuva, o Coronel Pantaleão (Ricardo Pavão).

A cenografia de Carlos Alberto Nunes ratifica o clima festivo, transportando o público à saga dos personagens. "Estou chamando a peça de 'visita guiada ao mundo mambembe do teatro brasileiro'. Por isso até acrescentei a figura do narrador", revela o diretor. O personagem, interpretado pelo próprio Haddad, é o ponto-chave da mudança em relação ao texto original: "antes de cada musical apareço em cena para explicar as idéias de Arthur Azevedo para aquele determinado número".

FOTOS: DIVULGAÇÃO

A cara do Brasil

O Mambembe é considerada uma obra clássica e popular. Foi encenada pela primeira vez em 1959, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. A trama resume a militância de Arthur Azevedo por um teatro nacional, feito por brasileiros e para brasileiros.

"Na virada do século 19 para o 20, toda a dramaturgia seguia os moldes franceses, com atores brasileiros dizendo o texto com sotaque lusitano carregado. Totalmente colonizado. Azevedo queria uma libertação e uma cara de Brasil, exaltando os nossos símbolos sem ser ufanista", conta Thereza Seiblitz.

Sábado, domingo e segunda

Nicette Bruno, Paulo Goulart e um final de semana em família...

Por Janaina Medeiros

Família que trabalha unida, permanece unida. Este poderia ser o lema de Nicette Bruno e Paulo Goulart que se reúnem novamente para atuar com a filha Bárbara Bruno e a neta Vanessa Goulart na peça *Sábado, Domingo e Segunda*, a partir do dia 10 de junho no Teatro Maison de France. O tema? Família, claro. E de napolitanos, para apimentar ainda mais o almoço de fim de semana. A nova montagem do texto de Eduardo De Filippo chega ao Rio após longa temporada em São Paulo, onde foi sucesso de crítica e público.

Com direção de Bárbara Bruno na versão carioca, o espetáculo mostra três movimentos num único ato: o sábado, quando se prepara o grande almoço; o domingo, durante a refeição com 12 parentes na sala de jantar; e a segunda-feira,

FOTOS: GAL OPPIDO/DIVULGAÇÃO

quando a família resolve os desentendimentos. Entre as situações, o ciúme doentio do patriarca Peppino (Paulo Goulart) por causa das atenções especiais da sua mulher Rosa Priore (Nicette Bruno) com o vizinho Luigi (Bemvindo Siqueira).

"Não importa o tempo do relacionamento, quando se ama, sempre há ciúmes. Mesmo sendo ator, não gosto de ver Nicette fazendo cena de amor. Não quero ver ninguém beijando minha mulher! E acho que ela pensa o mesmo", confessa, bem-humorado, Paulo Goulart. Em eterno clima de romance, o casal de atores foi até Nápoles (Itália) antes de encenar a peça em São Paulo. "Foi uma viagem linda e romântica. Mas a segunda lua-de-mel mesmo foi neste ano, em Buenos Aires, com os três filhos", conta Nicette.

A peça, escrita em 1959 (quando Paulo e Nicette tinham apenas 5 anos de casamento) narra valores familiares que ainda permanecem iguais. "Nos últimos 50 anos as relações se modificaram de maneira vertiginosa. Mas a essência continua a mesma. Só a forma é que mudou", compara o ator. E Nicette concorda: "Na hora H, o sangue fala mais alto e a família é sempre o esteio para enfrentar as dificuldades".

Terceira geração

Aos 28 anos, Vanessa Goulart já fez 13 peças. Primeira neta de Nicette e Paulo, ela é a pioneira da terceira geração no teatro. "Procuro não me cobrar muito. É um prazer trabalhar em família, ainda mais com o talento deles", comenta a atriz, que já foi dirigida pela mãe, Bárbara Bruno, na peça *Auto da Compadecida*, em 1994. "Meus avós se controlam para não interferir muito no meu trabalho. Eles dão dicas às vezes, mas a afinidade profissional é o que vale", argumenta.

Meio século de amor

Bodas de ouro de amor e de palco. Desde que se conheceram na peça *Senhorita Minha Mãe*, no Teatro de Alumínio (SP), em 1952, Nicette Bruno e Paulo Goulart não se separaram mais. Apaixonados desde então, mantêm uma relação que impressiona pelos números: 50 anos de casamento, mais de 20 peças, 3 filhos, 7 netos e uma bisneta. O segredo? Nicette responde: "precisa haver afinidade, cumplicidade, respeito e a consciência de que você não é o dono da verdade".

A LEVE o próximo nome da terra

Espetáculo inédito de Hamilton Vaz Pereira mostra futuro alternativo.

Aperte o cinto de segurança para uma grande viagem. Que começa a partir de uma frase do filósofo alemão Friedrich Nietzsche em *A Gaia Ciência*: "Quem ensinar o homem a voar deslocará todos os marcos de fronteira e batizará de novo a terra como *A Leve*". A partir daí, o dramaturgo Hamilton Vaz Pereira teceu uma ousada trama futurista entre seis brasileiros em exílio voluntário que enfrentam dramas pessoais no caminho de volta para o Brasil.

O resultado pode ser visto em *A Leve – O Próximo Nome da Terra*, no Espaço Sesc. Com direção do próprio Hamilton, que comemora 30 anos de carreira teatral, promete dar o que falar. Isto porque os personagens vivem numa época não determinada, circulando entre Nova Iorque, Paris e Amsterdã como se fosse o trajeto Ipanema-Leblon, e assumem relações incestuosas com a maior naturalidade.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Ousadias

A peça é dividida em oito cenas que tentam explicar a busca do sentido da vida desses complexos personagens. Marlene (Letícia Spiller), também chamada de "maior que os homens ao seu redor", é atriz e ex-mulher de Dr. Belmira Valentino (Floriano Peixoto). Ele (ou seria ela?) é um renomado(a) obstetra, diretor da maternidade *Semelhante aos Deuses*, e mãe de Frederica (Virginia Cavendish). Sim, *mãe*. Porque o pai de Frederica é o Dr. Vernec Valentino (Ernesto Piccolo) que, além de ex-obstetra e atual ferreiro da Oficina de Hefestos, é nada menos que *irmão* de Belmira.

"Acho interessante essa coisa meio futurista. A minha personagem é filha de dois irmãos, dois homens, ou uma mulher forte e um homem, o que quebra com um conceito pré-estabelecido de relações sexuais da nossa sociedade. É muito moderno e ousado. O Hamilton teve coragem de expor nos personagens situações de tesão na família, que sempre ficam veladas no nosso subconsciente. Ele consegue abrir a porta do armário numa boa, sem escancará-la nem ser agressivo", analisa Virginia Cavendish.

Síntese

Outro aspecto de destaque na peça é a força das mulheres. Sejam elas do bem ou do mal. Marlene e Frederica sofrem agressões e dão o troco à altura. Estefânia (Lena Brito), cujo apelido é "Bacalhau da Noruega", é lésbica e apaixonada por Belmira – sendo capaz de tramar o seqüestro da amiga Marlene para alcançar seus objetivos. "Podem gostar ou não gostar. Mas dei o máximo de mim", defende-se Hamilton, que identifica em *A Leve* uma síntese de elementos constantes na sua obra. "É uma proposta para se repensar as relações no cotidiano".

No meio dessas mulheres fortes e decididas, está Anderson (Moska/ Pedro Vasconcelos). Discípulo do Dr. Vernec, é conhecido como "o macaco de um cara legal". Na verdade, um usuário de drogas que ataca sexualmente Marlene e Frederica. E depois, como um deus disfarçado, alia-se à Estefânia e se aproxima das duas mulheres. "É antes de tudo uma peça muito bem-humorada e universal. O Hamilton pegou os arquétipos da sociedade, colocou pitadas de filosofia e tragédia grega e transformou neste resultado moderno", diz Letícia Spiller.

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica

FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

Medéia

"É uma tragédia que encontrou elenco perfeito. E a direção da Bia Lessa e o cenário são um espetáculo à parte. Um conjunto bem harmônico, um belo encontro teatral."

Antonio Calloni, ator

A ópera do malandro

"Não dá para falar sobre o Chico Buarque. Qualquer elogio é redundante. Como se não bastasse ser incontestável a qualidade da peça, é um prazer assistir às interpretações."

Vanessa Gerbelli, atriz

Os ignorantes

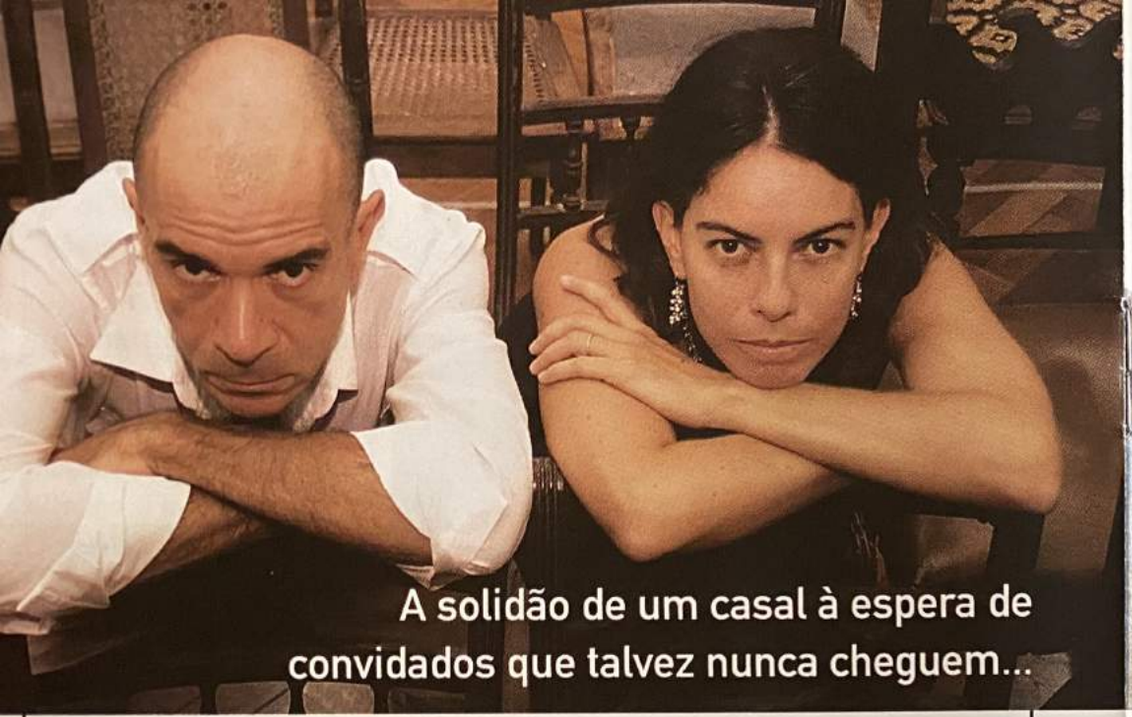
"O Pedro Cardoso é um gênio, uma das minhas fontes de inspiração para o humor. O texto é inteligentíssimo. Saí do espetáculo bastante emocionado."

Wagner Moura, ator

Melanie Klein

"Sou apaixonada pelo talento da Nathalia Timberg, tudo que ela faz eu amo. E esta peça fala sobre uma mulher supermoderna que foi imprescindível para a psicanálise. É instigante!"

Giulia Gam, atriz



A solidão de um casal à espera de convidados que talvez nunca cheguem...

AS CADEIRAS

Um homem, uma mulher e um passado. Isolados numa ilha, um casal de meia idade confronta seus fantasmas e acaba misturando imaginação e realidade numa farsa trágica de Eugène Ionesco. Escrita em 1951, *As Cadeiras* ganha nova montagem na programação especial de comemoração dos 15 anos do Centro Cultural do Banco do Brasil, no Teatro III.

A trama, pouquíssimo encenada no Brasil, conta a rotina solitária destes dois personagens. E tudo muda quando o marido decide fazer uma festa para celebrar os anos vividos. Aos poucos, a mulher começa a trazer cadeiras para receber os convidados imaginários. Até que o mobiliário ocupa toda a sala e se torna uma metáfora para a ausência. Ou, segundo o próprio Ionesco, "uma moralidade que mal disfarça o silêncio trágico da solidão dos seres".

Um blefe

Dirigida pelo iraniano Massoud Saidpour, diretor do departamento de artes cênicas do Museu de Cleveland (EUA), a peça traz Ricardo Blat e Ana Paz como o casal, e César Tavares como o orador. "Acho que a peça fala acima de tudo sobre o vazio da existência. Eles têm um cotidiano repetitivo, cheio de artifícios que criamos para conseguir dormir e enfrentar o dia seguinte", diz Ana, que também produz o espetáculo.

Mas *As Cadeiras* também tem um toque de humor. "Na verdade, você não sabe se ri ou se chora. O público consegue mergulhar em lugares secretos e misteriosos deles mesmos. Provoca uma revisitada em labirintos que freqüentamos muito pouco", completa Ricardo Blat, que pela primeira vez trabalha com um texto do autor.

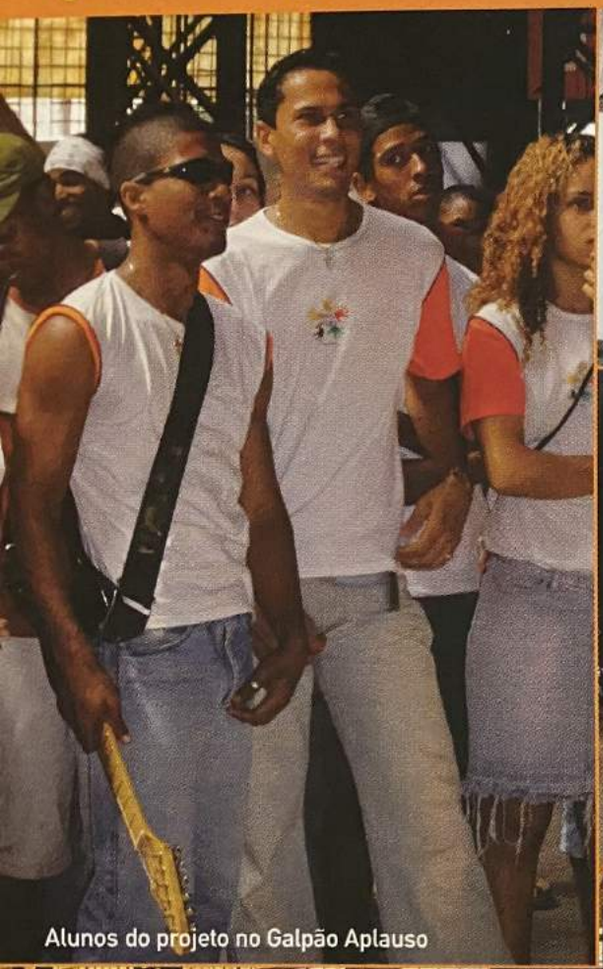
Para comportar este universo de idéias, a cenógrafa Doris Rollemberg criou 10 portas que, com o auxílio da iluminação de Renato Machado, criam a ilusão de que os convidados estão chegando. "Ninguém sabe se eles estão mesmo lá ou não. Pode ser que o casal esteja fazendo um jogo de criança, tendo uma alucinação, narrando lembranças ou vendo fantasmas. O público decide como quiser. Os únicos elementos concretos são eles, a ilha, a casa e as cadeiras", diz Ana Paz.

Ricardo Blat e Ana Paz misturam imaginação e realidade numa farsa trágica de Ionesco

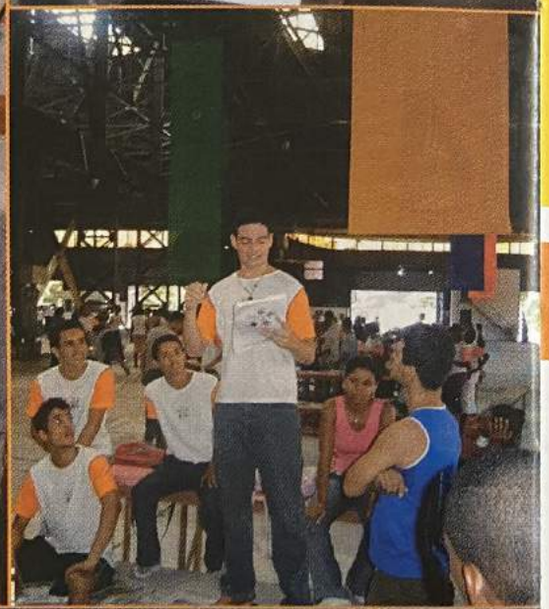
Um iraniano no CCBB

O encontro do diretor Massoud Saidpour com a atriz e produtora Ana Paz aconteceu há cinco anos. Desde 1999, o iraniano tem ministrado workshops no Rio, Belo Horizonte e Recife. Num deles, Massoud sugeriu uma parceria com Ana no texto de Ionesco. "Quando conheci As Cadeiras, por sugestão dele, foi amor à primeira vista. Corri imediatamente atrás da tradução (assinada por Sérgio Flaksman), produção e do Ricardo (Blat)", conta.

FOTOS: ALEXANDRE CAMPBELL/DIVULGAÇÃO



Alunos do projeto no Galpão Aplauso



TALENTOS DA VEZ

Projeto da revista Aplauso em parceria com a Prefeitura do Rio de Janeiro, Docas e CIEDS mostra os primeiros resultados de alunos e professores para apresentação de espetáculo em agosto.

Por Janaina Medeiros

O tempo é o maior inimigo. Mas para os 300 alunos de comunidades carentes que foram selecionados pelo projeto *Talentos da Vez* para montar um espetáculo teatral em agosto, isso é o de menos. Eles, que superaram suas próprias dificuldades sociais e geográficas, três vezes por semana dividem-se em turmas de 30 alunos nas oficinas de Teatro, Dança e Circo, Música e Artes Plásticas para aprender técnicas que serão mostradas daqui a três meses no Galpão Aplauso-Rio, um armazém na zona portuária da cidade.

Com coordenação artística de Lúcia Coelho e Gringo Cardia, o espetáculo pretende traçar um paralelo entre as lendas indígenas e a arte popular jovem, que inclui *street dance*, tatuagem, *hip hop* e grafitismo. Nesta etapa do *Talentos da Vez*, os 300 jovens estão começando a ver os resultados do projeto que começou há dois meses, graças a uma parceria entre a **Aplauso**, a Prefeitura do Rio, a companhia Docas e a ONG Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável (CIEDS).

"O tempo é curto para tanto trabalho. Mas estamos mais interessados em treinar o olhar dos alunos sobre como transformar objetos do cotidiano em elementos cênicos", explica a artista Cica Modesto, que ministra as aulas de Artes Plásticas no turno da manhã. Na oficina, 30 jovens estão transformando guarda-chuvas brancos em penas de pássaros, garrafas PET e carrinhos de rolimã em jacarés e recortes geométricos de papelão em casco de tartaruga.

Para Cica, que trabalha com teatro há quase 30 anos e também é professora da UniRio, os jovens de periferia demonstram uma força de vontade muito grande. "Alguns já chegam com um talento pronto. Daqui acredito que uns 4 ou 5 já estejam preparados

para o mercado de trabalho", diz ela. Uma das apostas é Everton Paulo de Souza. Exgarçom desempregado, ele chegou até o *Talentos da Vez* em busca de uma oportunidade de trabalho. Hoje tem 19 anos, mas é desenhista autodidata desde os 7.

"Já fazia alguns trabalhos, como pintura em calças jeans. Sempre gostei muito de mexer com desenho e pintura. Aqui estou tendo chance de aprender as técnicas e fazer algo maior.", diz Everton, morador do Morro de São João (Copacabana, zona sul do Rio).

Mais que abrir possibilidades de carreiras futuras, o projeto está garantindo um auto-conhecimento do potencial desses jovens. É o caso de Aldimila de Amorim Ferreira. Adolescente de 16 anos, ela mora na comunidade Santa Margarida, em Campo Grande.

"Repeti dois anos, matava aula para pegar onda, saía à noite sem hora pra voltar. Desde que cheguei aqui não faltei uma aula sequer. O projeto me ajudou a pensar e a ter cabeça para um futuro melhor. Quero terminar meus estudos e fazer outros cursos", diz Aldimila, que está na 7ª série e freqüenta a oficina de Teatro.

Talentos natos

Para o professor de Teatro Fábio Pillar, esta é a sua primeira experiência com jovens de comunidades carentes. "Há 20 anos dava aulas de teatro para jovens da zona sul. Estou surpreso com alguns talentos natos e com o nível de interesses de todos. Vejo como o contato com a arte os deixa dispostos para enfrentar o futuro".

Um dos talentos é Princiane Cabral da Silva. Aos 16 anos, ela já fazia aulas de teatro próximo à comunidade Santa Maria, onde mora, em Jacarepaguá (zona oeste). Aluna do 3º ano do Ensino Médio, pretende passar no vestibular da UFRJ para artes cênicas. E até já escreveu uma peça, *Monólogo de uma Palhaça*.

Outro exemplo é Vinícius Oliveira de Souza. Morador da favela Nelson Mandela em Bonsucesso (zona norte), cursou três anos de teatro num projeto social da Fiocruz. Conseguiu chegar ao *Talentos da Vez* e se mantém assíduo, mesmo enfrentando duas conduções para chegar até o galpão no Cais do Porto. "Fico triste quando volto para casa e não tenho com quem conversar sobre teatro. Mas sou persistente. Minha mãe me apóia e não vou desistir. Quero fazer teatro e TV", avisa.

Estímulo

Uma das fundadoras da Intrépida Trupe, Elizabeth Barbosa Martins, ministra aulas de Dança e Circo pela manhã. Desde 1980 como dançarina, ela dá aulas básicas de acrobacia de solo, duos, trios e quartetos, e se sente recompensada pela resposta dos alunos. "É um prazer. Nossa oficina requer muito esforço, concentração e disciplina. Estamos descobrindo grandes potenciais que podem ter sucesso se continuarem os estudos", acredita, lembrando que são necessários anos de dedicação à dança para um desempenho profissional.

Esta é a mesma opinião do maestro José Maria Braga. Diretor da Escola Villa-Lobos há cinco anos, ele tenta lidar com a ansiedade e com a expectativa dos alunos. "Muitos alunos sequer tinham noção de música. Treinamos o ouvido, testamos sua capacidade vocal e sonoridade. Ensinamos a fabricar e manusear um instrumento. Daqui eles terão estímulo e ferramentas para seguir em outros cursos, caso queiram realmente ter a música como profissão", esclarece o maestro, que corre contra o tempo para organizar a parte musical do espetáculo.

Talentos da Vez

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

A AURORA DA MINHA VIDA

Cotidiano, dramas e conflitos de oito alunos em suas salas de aula. Texto e direção: Naum Alves de Souza. Com Luisa Thiré, Bel Kutner, Guilherme Piva. **Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30 (qui. e sex.) e R$ 40 (sáb. e dom.). Até 6 de junho.

A LEVE – O PRÓXIMO NOME DA TERRA

Seis brasileiros residentes no exterior enfrentam angústias e buscam o sentido da vida na volta para o Brasil. Texto e direção: Hamilton Vaz Pereira. Com Letícia Spiller, Floriano Peixoto. **Espaço Sesc Copacabana** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 10. Até 13 de junho.

A ÓPERA DO MALANDRO

Superprodução do musical de Chico Buarque. Direção: Charles Möeller (direção musical de Cláudio Botelho). Com Mauro Mendonça, Lucinha Lins, Soraya Ravenle, Claudio Tovar. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/ nº, Centro). Fone: 2232-8701. Quinta e Sexta, 19h. Sábado, 21h. Domingo, 18h. R$ 15 (idosos e estudantes R$ 7,50). Até junho.

A POMBA ENAMORADA – OU UMA HISTÓRIA DE AMOR

Inspirado no conto homônimo de Lygia Fagundes Telles. Uma mulher se apaixona platonicamente por um homem com quem dançou uma única valsa na vida, seu grande amor durante 25 anos. Adaptação: Maria Assunção. Direção: José Antônio Karnewale. Com Maria Assunção. **Teatro do Centro Cultural de Justiça Federal** (Av. Rio Branco, 241, Centro). Fone: 3212-2588. Quinta a domingo, 18h. R$ 10 (qui. e dom.) e R$ 15(sex. e sáb.). Até 13 de junho.

A PRESENÇA DE GUEDES

Comédia de suspense em que quatro personagens ficam atônitos com o sumiço de Guedes e tentam seguir suas vidas sem ele. Texto: Miguel Paiva. Direção: Irene Ravache. Com Ângela Vieira, Flavia Monteiro, Othon Bastos e Stella Maria Rodrigues. **Teatro da Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h30. R$ 20 (qui., sex. e sáb.) e R$ 25 (dom.). Até 13 de junho.

AS CADEIRAS

Casal de meia-idade vive isolado numa ilha e resolve dar uma festa para convidados imaginários. Texto: Eugène Ionesco. Direção: Massoud Saidpour. Com Ricardo Blat, Ana Paz e César Tavares. **Teatro III do CCBB** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R$ 10. Até 11 de julho.

AS MENTIRAS QUE OS HOMENS CONTAM

Coletânea de crônicas inspiradas no livro homônimo de Luis Fernando Veríssimo. Adaptação: Marcelo Rubens Paiva. Direção: Darson Ribeiro. Com Mário Gomes, Franciely Freduzeski. **Teatro dos Grandes Atores – Sala Vermelha** (Av. das Américas, 3.555, Barra). Fone: 3325-1645. quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 25 (qui.), R$ 30 (sex. e dom.) e R$ 35 (sáb.). Até 13 de junho.

CLARA

A história da musa do samba, morta há 20 anos, desde sua infância em Minas Gerais até o estrelato no Rio. Texto: Edu Mansur e Bruno Pacheco. Com Alessandra Garcia. **Teatro Princesa Isabel** (Av. Princesa Isabel, 186, Copacabana). Fone: 2275-3346. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h30. R$ 20. Até 30 de maio.

COMEÇARIA TUDO OUTRA VEZ

Musical que conta a trajetória do compositor Gonzaguinha, sua luta contra a tuberculose e seu envolvimento com questões sociais e políticas. Texto e direção: Dacio Malta. Com Gaspar Filho. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Terça e quarta, 21h. Quinta, 16h. R$ 30. Até maio.

COMO SOBREVIVER EM FESTAS E RECEPÇÕES COM BUFFET ESCASSO

Comédia assistida por 120 mil pessoas em Belo Horizonte e que narra as desventuras de um penetra em festas. Texto: Ângelo Machado. Direção: Ênio Reis (supervisão de Luis Carlos Tourinho). **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 30 (qui.), R$ 35 (sex. e dom.) e R$ 40 (sáb). Até 6 de junho.

DILACERADO

Dramaturgia sobre as diferentes reações do ser humano ao lidar com o sentimento de perda. Texto: Daniela Pereira de Carvalho. Direção: Ivan Sugahara. Com a Cia. dos Dezequilibrados. **Teatro Café Pequeno** (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 10. Até 30 de maio.

ENSAIO.HAMLET

Adaptação contemporânea da Cia. dos Atores ao clássico de William Shakespeare, no qual um homem se confronta

APLAUSO TEATRO 5 ANOS

com o fantasma do próprio pai. Direção: Enrique Diaz. Com a Cia. dos Atores. **Teatro do Jockey** (Rua Mário Ribeiro, 410, Jardim Botânico). Fone: 2540-9853. Sexta a domingo, 21h. R$ 15. De 28 de maio a 20 de junho.

ESSE ALGUÉM MARAVILHOSO QUE EU AMEI

Casal de escritores enfrenta crise dos sete anos e começa a fantasiar infidelidades com personagens da literatura. Texto: Aloísio de Abreu. Direção: Cininha de Paulo e Aloísio de Abreu. Com Marcelo Serrado e Luciana Braga. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 30 (qui. e sex.) e R$ 40 (sáb. e dom.).

INDECÊNCIA CLAMOROSA

Ascensão e queda do escritor Oscar Wilde, que teve sua reputação abalada após condenação por sodomia. Texto: Moisés Kaufman. Tradução: Bárbara Heliodora. Direção: Jacqueline Laurence. Com Augusta Zacchi, Daniel Andrade, Pedro Osório. **Teatro Maria Clara Machado/ Planetário** (Av. Padre Leonel Franca, s/nº, Gávea). Fone: 2274-7722. Terça a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15. Até 30 de maio.

LEONCE E LENA

O reino de Popô promete o Príncipe Leonce para a Princesa Lena do reino de Pipi mas, contrariados, os herdeiros fogem de seus respectivos castelos, encontram-se por acaso no meio do caminho e se apaixonam. Texto: Georg Büchner. Direção: Ricardo Kosovski. Com André Mattos, Débora Lamm. **Teatro Tablado** (Av. Lineu de Paula Machado, 795, Jardim Botânico). Fones: 2294-7847/ 2239-0229. Sexta e Sábado, 21h30. Domingo 20h. R$ 20. Até 6 de junho.

MAMBEMBE CANTA MAMBEMBE

Comédia musical que mostra a saga de uma companhia teatral pelo interior do Brasil. Texto: Arthur Azevedo. Direção: Amir Haddad. Com Thereza Seiblitz, Xando Graça. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Quinta a domingo, 20h. R$ 20. Até 6 de junho.

MANUAL PRÁTICO DA MULHER MODERNA

Três doutoras desenvolvem uma tese e, em forma de seminário prático, discutem e ilustram os mais diversos itens que traçam o perfil feminino moderno. Texto: Patsy Cecato (colaboração: Márcia Ohlson, Patrícia Soso e Xica Campagna). Direção: Patsy Cecato. Com Márcia Ohlson. Patrícia Soso. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. Sexta, 21h. Sábado, 21h30. Domingo, 18h. R$ 30. Até 11 de julho.

MEDÉIA

Tragédia de Eurípedes. Feiticeira elimina seus rivais e resolve se vingar da traição do marido. Tradução: Millôr Fernandes. Direção: Bia Lessa. Com Renata Sorrah, José Mayer. **Teatro Dulcina** (Rua Alcindo Guanabara, 19, Cinelândia). Fone: 2240-4879. Quinta, 20h30. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15. Até 13 de junho.

MELANIE KLEIN

Psiquiatra de renome internacional, conhecida como a precursora da psicologia infantil, tenta contornar seus próprios dramas em família. Direção: Eduardo Tolentino de Araújo. Com Nathalia Timberg. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antonio Carlos, 58, Centro). Fone: 2215-1708. Quinta e sexta, 19h. Sábado, 20h. Domingo, 18h. R$ 30 (qui., sex.dom.) e R$ 35 (sáb.). Até 30 de maio.

NO SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO

Versão do Grupo Nós do Morro ao clássico de William Shakespeare. Adaptação: Luís Paulo Corrêa e Castro. Direção: Fernando Melo da Costa. Com a Cia. Nós do Morro. **Teatro I do CCBB** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. De terça a domingo, 19h. R$ 10. Até 20 de junho.

O MURO

Seis inimigos de diferentes classes sociais se encontram num lugar imaginário para construir um muro. Texto: Grupo Pedras. Direção: Adriana Schneider. **Fundição Progresso – Teatro do Anônimo** (Rua dos Arcos, 24, Lapa). Fone: 2220-5070. Sexta a domingo, 20h. R$ 15. Até 30 de maio.

O PROCESSO

Montagem do Teatro Mínimo para o clássico que narra a angústia de um homem que é acordado e informado que está preso, sem que lhe seja revelada a acusação. Texto: Fraz Kafka. Direção e adaptação: Almir Ribeiro. Com Evandro Melo. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha, nº 1, Centro). Fone: 2563-4164. Segunda, 19h. R$ 12. Até 28 de junho.

OS IGNORANTES

Monólogo escrito, dirigido e atuado por Pedro Cardoso. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30 (qui.), R$ 35

(sex. e dom.) e R$ 40 (sáb.). Até 30 de maio.

ORLANDO SILVA, O CANTOR DAS MULTIDÕES

Musical baseado no livro homônimo de Jonas Vieira. Texto: Antonio De Bonis e Fátima Valença. Direção: Antonio De Bonis. Com Tuca Andrada, Inez Vianna. **Sala Baden Powell** (Av. Nossa Senhora de Copacabana, 360, Copacabana). Fone: 2548-0421. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15. Até agosto.

QUAL FOI O TEU SONHO NA VIDA, MEU BEM?

Escrita em 1974, o texto ganhou na época o Prêmio de Leitura Pública no VI Concurso Nacional de Dramaturgia do SNTe. Duas enfermeiras aposentadas e sexagenárias, que vivem juntas há 30 anos num conjugado em Copacabana, dividem as mesmas emoções, frustrações e expectativas. Texto: Wilson Sayão. Direção: Demetrio Nicolau. Com Nara Keiserman e Anja Bittencourt. **Teatro Centro Cultural de Justiça Federal** (Av. Rio Branco, 241, Centro). Fone: 3212-2550. Quinta a domingo, 20 h. R$ 15 (qui. e dom.) e R$ 20 (sex. e sáb.). Até 13 de junho.

SÁBADO, DOMINGO E SEGUNDA

Antes, durante e depois de uma refeição dominical uma numerosa família italiana se vê diante de desencontros inusitados. Texto: Eduardo de Filippo. Com Nicette Bruno, Paulo Goulart. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antonio Carlos, 58, Centro). Fone: 2215-1708. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h. Domingo, 18h. R$ 35 (qui., sex.dom.) e R$ 40 (sáb.).

SE MEU PONTO G FALASSE

Duas amigas discutem temas como sexualidade, conquista profissional, medo, idade. Texto: Heloísa Migliavacca, Júlio Conte e Patsy Cecato. Direção: Júlio Conte. Elenco: Patsy Cecato e Heloísa Migliavacca. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. Sábado, 19h. Domingo, 20h30. R$ 30. Até 20 de junho.

SENHORA COISA

Mulher de 70 anos mistura lucidez e desvario, humor e melancolia, tentando dar sentido à vida. Texto: Rodrigo de Roure. Direção: Janaina Pessoa. Com Isabel Cavalcanti e Alessandra Grácio. **Teatro Café Pequeno** (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 10. Até 26 de maio.

SINATRA, OLHOS AZUIS

Homenagem musical ao ícone da canção romântica americana. Texto e direção: Cláudio Figueira. Com Maurício Baduh. **Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 40 (qui., sex. e dom.) e R$ 50 (sáb.). Até junho.

SUBVERSÕES SOCIAL CLUBBER

Dupla apresenta divertidas paródias de 10 sucesos da MPB. Texto e atuação: Aloísio de Abreu e Luís Salem. Direção: Stella Miranda. **Teatro dos Grandes Atores – Sala Azul** (Av. das Américas, 3.555, Shopping Barra Square, Barra). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 25 (qui.), R$ 30 (sex. e dom.) e R$ 35 (sáb.). Reestréia 20 de maio.

SURTO

Espetáculo de humor com o grupo Os Surtados e convidados. Direção: Claudio Handrey e Os Surtados. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. Sexta e sábado, meia-noite. Até 29 de maio.

TEATRO EM DOSE DUPLA

Projeto que reúne as peças *Hamlet – Príncipe da Solidão*, história inspirada no original de William Shakespeare, e *Pequenos Grandes Burgueses*, baseada no original de Máximo Gorki. Concepção, textos e direção: Bruno Rodrigues. Com Grupo Sopro do Ator. **Teatro do Casarão** Cultural dos Arcos – Sala Isolda Cresta (Rua Mem de Sá, 23 – Lapa). Fone: 2252-8910. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 19h. R$ 5. Até 27 de junho.

UMA LOIRA NA LUA

Espetáculo que homenageia a comediante americana Lucille Ball, famosa pelo seriado de TV I Love Lucy. Texto: Ana Paula Botelho, Marcelo Mello e Mario Hermeto. Direção: Luiz Antonio Rocha. Com Alexandra Richter. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Terça e quarta, 21h. Quinta, 17h. R$ 20.

VEM BUSCAR-ME QUE AINDA SOU TEU

Tradicional companhia de circo-teatro percorre as cidades do interior brasileiro. Texto: Carlos Alberto Soffredini. Direção: Elza de Andrade. Com o Grupo Confraria da Paixão. **Teatro II do CCBB** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R$ 10. Até 13 de junho.

SENHORA COISA

Dona-de-casa perde a lucidez mexendo no seu baú de recordações.

No palco, uma senhora de 70 anos mistura desvarios e lucidez. Na platéia, qualquer um pode se identificar com o universo de solidão e lembranças, tentando dar algum sentido à desordem da existência. Estes são os elementos de *Senhora Coisa*, monólogo de Rodrigo de Roure, dirigido por Janaina Pessoa, que está em cartaz no Teatro do Café Pequeno.

Como *voyeurs* acompanhamos a rotina de Águida (Isabel Cavalcanti), que pinta bichos de gesso e mexe nos seus álbuns de fotografia enquanto se lembra do marido morto e dos filhos que nunca a visitam. Memórias cada vez menos exatas, a medida que perde a lucidez. E entre uma arrumação e outra da empregada Pequena (Alessandra Grácio), que nunca fala em cena, temos a chance de ver a velha senhora destilando seu humor e veneno sobre a vida.

Alucinação

"Busquei trazer um pouco de compreensão sobre a velhice, mas também tocar em assuntos que são comuns a todos", diz o autor, que se inspirou após conviver com sua avó. "Ela sofria do Mal de Alzheimer e misturava momentos bem lúcidos com outros de alucinação. E também era apaixonada por Roberto Carlos, assim como Águida", lembra.

Para a protagonista Isabel Cavalcanti, o mais interessante é a liberdade que Águida se permite ao dizer o que pensa sobre tudo e todos para driblar o seu medo da morte. "O cômico, o lírico e o dramático estão muito equilibrados no texto. A Águida tem uma certa picardia, um jeito jocoso que é extremamente denso e bem-humorado. E o desvario dela não difere muito do nosso", diz a atriz.

Novo talento

Senhora Coisa faz parte do Ciclo de Novos Diretores do Teatro do Café Pequeno, dirigido por Ivan Sugahara e a Cia. Teatral Os Dezequilibrados.
Em 2002, a peça integrou a Mostra de Nova Dramaturgia Brasileira do Teatro Carlos Gomes, apresentada como leitura dramatizada. Com apenas 28 anos, Rodrigo de Roure é uma das grandes promessas do teatro atual. Outra peça sua – Preguiça, dirigida por Ana Kfouri – está em cartaz no Rio. E até o final do ano será encenado seu mais recente texto, Os Últimos Dias de Gilda.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Paulo e Nicette em "Ingenuidade", 1954, de Van Druten, com direção de Madalena Nicol.

Colecione!

Assine!

Enviamos para todo o Brasil

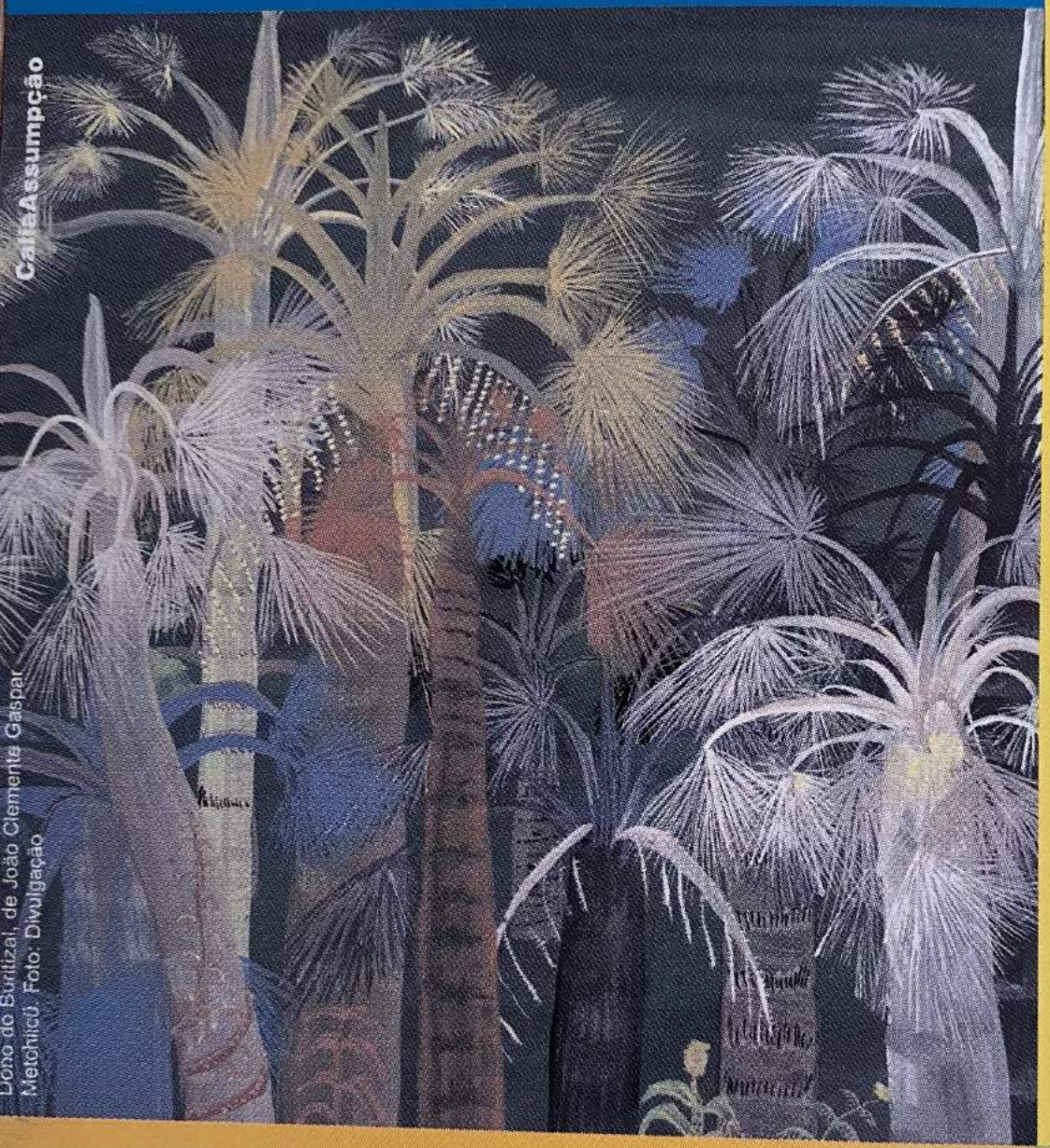
Maiores informações

Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-1390
ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

Assinatura semestral
R$ 24

Coleção completa de Aplauso por R$ 54!
Edições de 1 a 57

Arte Ticuna. Feita com pincéis, tintas e alma.



Dono do Buritizal, de João Clemente Gaspar Metohicü. Foto: Divulgação

Visite também as exposições:

Facchinetti

junho

Yanomami, o Espírito da Floresta

junho

Ticuna, Pinturas da Floresta

Exposição

1º andar
Até 20 de junho

Cultura o tempo todo com você

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL